

A VIDA: RESPOSTA AO CHAMADO DE OUTRO
Notas da Síntese de Davide Prospero
Na Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação
La Thuile (AO), 30 de agosto de 2022

Chegamos ao fim do nosso percurso. Foram dias bastante intensos, intensos de palavras, de convivência, de partilha, de confronto sobre a nossa experiência, quer dizer, sobre o que a nossa vida tem para dizer a respeito das coisas que nos são propostas. Mais que fazer um resumo do que veio à tona, quero tirar algumas conclusões que sirvam para olharmos em frente, dando-nos conta de que – caminhando com o nosso passo – estamos num caminho seguro.

1. «O Mestre está aí e te chama»: assumir para si a responsabilidade do carisma

O Movimento está vivo – foi o que Pe. Massimo nos disse sábado de manhã –. No fim destes dias juntos, podemos sentir como verdadeiras, com evidência renovada, com o maravilhamento grato que tantas vezes sentimos ao fim das nossas reuniões, as palavras de Péguy: «Ele está aqui. / Está aqui como no primeiro dia. / Está aqui entre nós como no dia de sua morte. / Para sempre está aqui entre nós, exatamente como no primeiro dia. / Para sempre todos os dias. / Está aqui entre nós em todos os dias da sua eternidade».¹

Uma de vocês disse isso muito bem, citando as palavras, tão simples e profundas, daquele menino que não queria mais ir embora no fim das férias da comunidade: «Eu aqui!» Eu também quero permanecer aqui, não quero mais ir embora. Por quê? Várias pessoas o disseram de várias formas: porque «o Mestre está aí».²

Mas não só está aqui. Está aqui e *nos* chama, está aqui e *me* chama, está aqui e *te* chama, chama a cada um de nós. Para que é que nos chama? Dissemos e repetimos nestes dias, Julián o afirmou em sua mensagem, disse-nos Dom Camisasca no início da sua fala, repetiu-nos Dom Giuseppe Baturi ontem: o Senhor nos chama para assumirmos a responsabilidade do carisma que nos tomou, para cada um de nós assumi-la pessoalmente e ao mesmo tempo juntos, não sozinhos, mas em comunhão. Mas que quer dizer assumir para si esta responsabilidade?

Ontem, Dom Baturi nos disse, de maneira clara e precisa, o que isso não quer dizer: acima de tudo, não significa ter um papel ou exercer um poder, nem carregar nas costas algum fardo qualquer – como o fardo de Isildur, na saga de Tolkien –, embora, certamente, assumir uma responsabilidade às vezes custe um esforço, implique a disponibilidade a uma dedicação que requer um esforço. Que quer dizer, então, se não é isso?

A palavra “responsabilidade” deriva do latim *respondeo*: responsabilidade é quem vive a vida como resposta, como desejo de responder. Responder a quê, ou melhor, a Quem? A um Outro que me chama, que põe suas fichas em mim, na minha liberdade, que misteriosamente aposta em mim, se confia a mim, me estima, deposita sua confiança em mim.

Desta forma, parece-me que, para vivermos com entusiasmo e impulso essa responsabilidade, para assumirmos conscientemente, trata-se primeiramente de colocar no centro do nosso olhar não tanto “o que” temos de fazer, a lista das coisas para fazer – isto, como sabemos, depressa nos cansa e sufoca –, e sim o Rosto de quem nos chama, aquele Cristo que mendiga o meu e o seu coração, que tem sede da minha e da sua resposta, que se sinta sedento junto ao poço da sua liberdade e mendiga o seu coração, mendiga o movimento do seu coração, da mesma forma como Jesus, tão poeticamente, disse

¹ C. Péguy, “Il mistero della carità di Giovanna d’Arco”, in Idem, *I misteri*, Milão: Jaca Book, 1997, p. 56. Cf. também *Lui è qui. Pagine scelte*, Milão: Bur, 1997, p. 176.

² Jo 11,28; M.G. Lepori, *Cristo, vida da vida*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, p. 34.

à mulher samaritana na canção do nosso grande Anas, que acabamos de cantar juntos: «Se tu soubesses o quanto te esperei / O quanto pensei em ti, o quanto te amei / Se tu soubesses, neste deserto, / Quem é que veio ao teu encontro, quanta sede tenho em mim // [...] Vinhas a mim sem pensar, distraída na tua memória / Mas sou eu que pergunto a ti, te amo a ponto de perguntar / Tenho sede, escuta a minha voz, sede de ti até a cruz».³

Somente se nós percebermos dentro desse chamado à responsabilidade a voz de Cristo mendigando o nosso coração, com sede do nosso coração mesmo sobre a cruz, só aí é que podemos sentir esse chamado não como uma tarefa que nos oprime, mas, pelo contrário, como um dom, como algo que nos inflama e nos entusiasma. Por isso somos gratos por estes dias, que foram basicamente isto: o tornar-se novamente evidente, por meio do rosto e da voz de tantas testemunhas, da presença entre nós desse Tu sedento da nossa resposta, do nosso «sim, estou aqui». É daqui, somente daqui que nasce e sempre renasce aquilo que ontem à noite um de vocês chamou de «o anseio por Cristo», o mesmo de que fala São Paulo: «O amor de Cristo nos impele e isso consideramos: um só morreu por todos e, portanto, todos morremos. De fato, Cristo morreu por todos, para que os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou».⁴

2. Do maravilhamento pelo chamado, o anseio pela missão

Qual é o conteúdo desse anseio? Disse-o bem Dom Baturi: «Dom Giussani observava que os movimentos “nasceram para a missão da Igreja. Com efeito, surgiram, além do mais, em conexão com o Concílio Vaticano II, que repropôs com energia a natureza missionária da Igreja, convidando os cristãos a ‘derrubar as muralhas’».⁵ [...] Não é por acaso que, dentre as palavras mais significativas dirigidas ao Movimento pelos papas, estão as que apontam nessa direção. João Paulo II disse no dia 29 de setembro de 1984: “‘Ide, ensinai todas as nações’ (Mt 28, 19), é o que disse Cristo aos seus discípulos. E eu repito-vos: ‘Ide por todo o mundo para levar a verdade, a beleza e a paz, que se encontram em Cristo Redentor’. Este convite feito por Cristo a todos os seus e que Pedro tem o dever de renovar sem trégua, já entremeou a vossa história. [...] Tomai o encargo dessa necessidade eclesial: essa é a incumbência que hoje vos deixo”.⁶ E o Papa Francisco, no encontro de 7 de março de 2015: “Assim, centrados em Cristo e no Evangelho, vós podeis ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”.⁷ [...] Num lindo trecho, Dom Giussani diz: “A missão, a presença no ímpeto missionário, é o indício de uma presença amorosa”⁸».

Quanto a isto, limito-me a fazer um breve comentário. Como testemunhou ontem – na minha opinião, de modo límpido e até desarmante – o nosso amigo de Caracas (que podemos dizer tranquilamente que não tem exercido seu ministério em condições exatamente fáceis), não só o ímpeto missionário é o indício da vitalidade do carisma em nós, mas em certo sentido é o que o conserva vivo em nós e faz com que o aprofundemos, conheçamos, apreciemos e amemos cada vez mais. Por isso somos gratos às várias pessoas entre nós que, com seu testemunho, nos mostraram exatamente isso em ação, suscitando – espero eu – em todos nós uma “inveja saudável” daquilo que lhes é dado viver. Pensemos no que a nossa amiga que está sozinha na Turquia disse ontem à noite: «Não só eu nunca me senti sozinha, como também cresceu em mim a afeição ao carisma e, no fundo, a fé. Agora estou avaliando ficar, apesar das dificuldades: sou chamada aqui, não é indiferente eu estar ou não estar». É difícil pensar num exemplo mais nítido do que significa *assumir para si a responsabilidade do carisma*: «Eu sou chamada aqui. O Senhor está aqui e me chama».

³ “Se tu sapessi”, letra e música de Antonio Anastasio.

⁴ 2Cor 5,14-15.

⁵ L. Giussani, “Introdução” a “Os movimentos na missão da Igreja”, 1985, *clonline.org*.

⁶ João Paulo II, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação no XX aniversário de fundação*, 29 de setembro de 1984, 4.

⁷ Francisco, *Discurso ao movimento Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁸ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Milão: Bur, 2010, p. 316.

3. O coração do homem mendicante de Cristo

Qual é, então, a nossa tarefa? Muitos de vocês já deram a resposta; houve uma expressão, talvez a mais sintética, que apareceu durante a assembleia: «Mais que nada, somos chamados a mendigar, a implorar que o próprio Espírito realize em nós a Sua obra, tornando-nos capazes de responder ao chamado».

Gostaria de detalhar três aspectos desse mendigar, três traduções existenciais, que sinto como particularmente importantes para nós neste momento que estamos vivendo.

a) *Um desejo inesgotável de aprender*

Uma realidade viva deseja crescer, amadurecer, e por isso tende a corrigir-se e deixar-se corrigir. A pessoa se deixa corrigir na medida em que tem afeição por si mesma como destino, pela possibilidade de crescer, de tornar-se grande, de tornar-se aquilo para o qual foi feita. Pier Paolo Pasolini escreveu em *O pranto da escavadora* (uma citação muito bonita, que agradeço a quem me sugeriu): «Só o amar conta, só o conhecer / é que conta; não o ter amado / não o ter conhecido. Dá angústia / viver de um consumado / amor. A alma não cresce mais».⁹ A primeira mendicância de Cristo é o pedido para entender cada vez mais, o que pressupõe, como escutamos ontem, uma condição fundamental: a consciência humilde de ainda ter que aprender, de não saber tudo, de ainda estar em caminho: «*Si enim comprehendis, non est Deus*»,¹⁰ disse Santo Agostinho. Se você o compreendeu inteiramente, não é Deus. Nós não possuímos Cristo, assim como não possuímos o carisma: antes, somos possuídos por ele. De modo que desejamos continuar aprendendo, deixando-nos até pôr em xeque, se necessário. Quanto a isto, desejo para mim e para vocês que guardem no coração, ao longo de todo o ano que vem pela frente, aquilo que São Paulo diz: «Não que eu já tenha recebido tudo isso, ou já me tenha tornado perfeito, mas continuo correndo para alcançá-lo, visto que eu mesmo fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, eu não julgo já tê-lo alcançado. Uma coisa, porém, faço: esquecendo o que fica para trás, lanço-me para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, para conquistar o prêmio que, do alto, Deus me chama a receber, em Cristo Jesus».¹¹

b) *Seguir para entender*

Um dos vértices do mendigar, isto é, da pobreza de espírito que é a virtude do mendicante, é o seguir; quantas vezes nos foi dito, quantas vezes Dom Giussani voltou a este ponto, mas o tema também ecoou diversas vezes estes dias entre nós. Mas, sobre este ponto, quero dizer uma última palavra sintética, que é esta: seguir a autoridade, como aprendemos, não é um caminho alternativo nem está em contraste com o do uso do coração como critério. Ao contrário, seguir é o que permite ao coração dilatar-se, à razão dilatar-se, se e na medida em que a pessoa for séria ao verificar a proposta da autoridade. Se a pessoa seguisse só quando “sente” que o que lhe é pedido é certo ou “correspondente”, nunca seguiria de verdade, ou seja, nunca obedeceria de verdade, pois na realidade estaria seguindo apenas a si mesma, não a outro. E então? Então a fé não adiantaria de nada, pois a fé já não seria fé, já não precisaria da testemunha e Cristo ficaria reduzido à nossa medida. No entanto – aqui é precioso reler (e convido vocês a fazê-lo) os capítulos sobre a obediência de *É possível viver assim?* e *Si può (veramente?!) vivere così?*,¹² onde tudo está muito bem explicado, obviamente não vou citar, para ser breve – é justamente através da obediência, uma obediência que às vezes implica a quebra da nossa medida, que entramos na mentalidade nova que nasce do pertencer a Cristo. Estou

⁹ P.P. Pasolini, “O pranto da escavadora”, 1956, tradução de João Coles. Cf. Idem, *Poemas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

¹⁰ “Se o compreendes, então já não é Deus” (Santo Agostinho, *Sermão* 117,5).

¹¹ Fl 3,12-14.

¹² L. Giussani, “A obediência”, in Idem, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, pp. 111ss; L. Giussani, “L’obbedienza”, in Idem, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, pp. 212ss.

falando de uma quebra que não é – atenção – renúncia à razão (nós seguimos Dom Giussani, o arauto da razão!), mas prontidão a deixar que Outro a amplie, a dilate, para nos levar até um ponto de vista novo, mais verdadeiro, mais profundo, um ponto de vista que é o d’Ele. Como aprendemos, a fé realiza a razão: Dom Giussani dizia que «a fé é racional, na medida em que floresce no limite extremo da dinâmica racional como uma flor de graça, à qual o homem adere com sua liberdade».¹³ E, de fato, realiza-a superando-a, levando-a além das suas capacidades. Pensemos na reação de Pedro quando Jesus disse aos discípulos: «O que Deus uniu, o homem não separe». Pedro reage de supetão, e talvez nós com ele: «Se tal é a condição do homem em relação à mulher, é melhor não se casar».¹⁴ Corresponde ou não ao coração, às exigências e evidências profundas do coração, a posição de Jesus? Sim, corresponde. No entanto, na hora H, não é que fosse fácil para Pedro entender imediatamente e então aceitar, muito pelo contrário! Claro, a razoabilidade do seguir é dada pelo fascínio de uma presença: outro episódio do Evangelho (o Evangelho está repleto deles) é o do lava-pés: «Nunca me lavarás os pés!», exclamou Pedro; e Jesus: «Se eu não te lavar, não terás parte comigo»;¹⁵ então Pedro deixa que os lave em virtude daquela afeição; não entende, parece-lhe desproporcional! Mas o contrário também é verdade. O seguir, o obedecer não é só o fruto do compreender, pois às vezes, sem entendermos tudo, o seguir nos leva a entender, torna mais clara e rica a consciência do que verdadeiramente corresponde. O que conta é que o seguir não seja cego, não seja um seguir de coração apagado. Como aprendemos, o coração é o critério com que comparamos tudo. Mas, justamente, para comparar, você deve primeiro dar confiança a uma proposta, precisa confiar, precisa dar crédito. Só assim pode realmente verificar se a proposta corresponde, ou seja, se faz você crescer ou não. Dom Filippo falou de tradição, isto é, de um conteúdo de proposta que não necessariamente a princípio aquece o seu *coração*.

c) *A unidade é milagre, mas há que pedi-la*

Quero concluir convidando todos vocês a rezar constantemente pelo milagre da unidade da nossa companhia. Compreendemos bem que a unidade verdadeira é aquela que – como dizíamos ontem – não anula as diferenças, mas as compõe em concorde harmonia. Não somos nós que fazemos a unidade; antes, no máximo, podemos apenas tentar destruí-la, e mesmo assim não somos nós que a fazemos. Dizemos também que para nós é impossível realizá-la – é uma experiência que todos nós fazemos, em todos os níveis –. Por isso eu usei a palavra “milagre”. Contudo, trata-se de um milagre que não podemos deixar de desejar, se for verdade que é dele mesmo que Jesus faz depender o esplendor da Sua glória no mundo: «Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisso [nisso!] conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros».¹⁶

A esse mandamento de Jesus, tão elevado e comovente, nós nos damos conta – se formos sinceros – de que não sabemos obedecer com nossas próprias forças. Mas podemos – aliás, devemos – pedi-lo, implorá-lo. Alguém se antecipou a nós, implorando por nós essa unidade que, em determinados momentos, podemos até achar difícil pedir: «Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim, pela palavra deles. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que também eles estejam em nós [uma só coisa], a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim. Sejam, assim, consumados na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim».¹⁷

Permitam-me acrescentar uma palavra final. Neste ponto, vocês devem estar esperando – ou alguém deve estar esperando – a resposta ao “quiz” final da primeira noite. Supondo esclarecido que a função de Pedro não é a mesma de João (acho que aqui todos estamos de acordo) e que, aliás, ambas são

¹³ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de outro*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, p. 114.

¹⁴ Mt 19,10.

¹⁵ Jo 13,8.

¹⁶ Jo 13,34-35.

¹⁷ Jo 17,20-23.

necessárias e estão indissociavelmente ligadas entre si para dar corpo à Igreja, qual é então a função de Pedro, e então a do responsável, no sentido institucional do termo, no seio da nossa companhia? Muitos me perguntaram isso. Quais são os critérios para reconhecê-lo e elegê-lo? São perguntas importantes, a meu ver. Nestes dias foram apontados alguns critérios, algumas características que nos ajudam nesse sentido: certamente a afeição e a dedicação ao Movimento, o equilíbrio, a prudência no discernimento perante as decisões, a maturidade afetiva, a caridade e a capacidade de atenção e de escuta, a capacidade de valorizar os outros, a capacidade de relações, etc. Isso significa que não podemos limitar-nos (dissemos tantas vezes) em identificar qual é a personalidade mais carismática entre nós, tendo este como o único critério para reconhecer e escolher o responsável. Aqui se abre toda uma nova ordem de reflexões, que temos de iniciar para podermos atingir a consciência necessária para fazermos eleições livres e responsáveis, como tantas vezes o Cardeal Farrell desejou em suas cartas. Mas não precisamos ter pressa, pois vamos falar disso mais vezes.